

A BLASFÊMIA UNIDA À VOZ DA PRECE: A TENSÃO ENTRE A CRENÇA E A DESCRENÇA EM SALMOS DA NOITE, DE ALPHONSUS DE GUIMARAENS

BLASPHEMY UNITED WITH THE VOICE OF PRAYER: THE TENSION BETWEEN
BELIEF AND UNBELIEF IN SALMOS DA NOITE, BY ALPHONSUS DE
GUIMARAENS

Recebido: 25/03/2022

Aprovado: 30/06/2022

Publicado: 28/07/2022

DOI: 10.18817/rlj.v6i1.2756

Gabriel Amorim Braga¹

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-2081-2482>

Rafael Fava Belúzio²

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-8394-3335>

Resumo: Este artigo objetiva apresentar um estudo sobre a tensão entre a crença e a descrença em **Salmos da Noite**, de Alphonsus de Guimaraens (Ouro Preto, 24 de julho de 1870 – Mariana, 15 de julho de 1921), publicizado postumamente em 1960. A obra que enfeixa os versos da mocidade do poeta simbolista esbarra em elementos fundamentais de sua poética, como a evasão, o culto ao amor e à morte e a obsessão pelo luar, apresentando, também, um viés das negativas, no qual o sujeito lírico insiste em maldizer, descrever e blasfemar, sem silenciar a dúbia voz da prece. Mais do que evidenciar a presença dos extremos da crença e da descrença, pretende-se evidenciar a presença da tensão estruturante entre crer e descrever, fruto da impossível ataraxia em Alphonsus de Guimaraens.

Palavras-chave: Alphonsus de Guimaraens. Tópica literária. Poesia moderna.

Abstract: This article aims to present a study on the tension between belief and disbelief in **Salmos da Noite**, by Alphonsus de Guimaraens (Ouro Preto, July 24, 1870 – Mariana, July 15, 1921), published posthumously in 1960. The work which brings together the symbolist poet's youthful verses, touches on fundamental elements of his poetics, such as evasion, the cult of love and death, and the obsession with moonlight. More than showing the presence of the extremes of belief and disbelief, we intend to show the presence of the structuring tension between believing and unbelieving, fruit of the impossible ataraxia in Alphonsus de Guimaraens.

Keywords: Alphonsus de Guimaraens. Literary topic. Modern poetry.

*Sempre a blasfêmia está unida à voz da prece,
Como um verme sombrio ao corpo de um defunto;
Assim, quando soluço e choro em dor, parece
Que é para amaldiçoar o mundo que eu ajunto
As mãos, num gesto que do céu à terra desce.
Alphonsus de Guimaraens, “Das alucinações”.*

¹ Graduando em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atualmente, é bolsista do Programa de Monitoria do Ensino Técnico da UFMG, atuando no Colégio Técnico (COLTEC), junto à disciplina de Língua Portuguesa e Literatura. E-mail: gabriel.amorim7575@gmail.com

² Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Trabalha principalmente com Poesia Brasileira e com Teorias da Poesia. Autor dos livros *Uma lira de duas cordas: o ritmo como elemento construtivo da binomia de “Lira dos vinte anos”* (crítica literária); e *1929* (crônicas). Atualmente coordena, junto com Andréa Sirihal Werkema, a Coleção Crítica Contemporânea, na Alameda Editorial. E-mail: favabeluzio@yahoo.com.br

O Simbolismo, cujo marco inaugural é, para muitos³, a publicação de **As flores do mal** (1857), do poeta francês Charles Baudelaire⁴, emerge em um contexto no qual “a prática da vida diária começou a mostrar ao homem finissecular um cansaço e uma descrença tão grandes [no] mundo materialista”, gestando “uma espécie de nostalgia da alma e do espírito das coisas parecia dominar a todos” (PEIXOTO, 1999, p. 192). Representada no Brasil sobretudo por Alphonsus de Guimaraens (Ouro Preto, 24 de julho de 1870 – Mariana, 15 de julho de 1921) e por Cruz e Sousa (Florianópolis, 24 de novembro de 1861 – Antônio Carlos, 19 de março de 1898), a escola simbolista herda a paixão pelo efeito estético do Parnaso, entretanto, assim como os românticos, busca expressar o desgosto quanto às gastas soluções racionalistas e mecânicas, e, com o objetivo de “tocar, com a sonda da poesia, um fundo comum que susteria os fenômenos, chame-se Natureza, Absoluto, Deus ou Nada” (BOSI, 1975, p. 293), tende a recusar o aspecto palpável e empírico como limite artístico.

Nesse contexto, a descrença apresenta-se como um dos elementos fundamentais da estética simbolista. O pesquisador brasileiro Sérgio Alves Peixoto esclarece, em **A consciência criadora na poesia brasileira** (1999), que

sem saber muito bem a que se apegar, desnortado pela redescoberta de si mesmo em meio a valores gastos e grandiosas mentiras, esse eu só vê incertezas e desilusões. Vive a decadência e dela se alimenta [...]. Assim, essa nova poesia – o *Simbolismo* – começa não só negando os valores da poesia anterior, mas, perplexo por não conseguir de imediato impor novos valores, a não ser a própria derrocada de tudo que o rodeava, nega o próprio mundo e descrê de tudo (p. 193, grifo do autor).

Por estas palavras, se pode ter ideia de que, no panorama do pensamento poético, o sujeito lírico simbolista, em um movimento quase retroalimentar, alça a descrença ora como condicionante, ora temática de sua fatura poética. Enquanto Alphonsus de Guimaraens se assume, por vezes, como “um taciturno e trágico descrente” (GUIMARAENS, 1960, p. 550), Cruz e Sousa se vê preso “num abismo de dores e gemidos,/ De maldições e de uivos de descrentes” (CRUZ E SOUSA, 2008, p. 251). Junto à descrença, coabita o gosto pelo sacrilégio e pela blasfêmia, bem como a

³ Cf., p. ex., BALAKIAN, 1985; GOMES, 1994; FARIAS, 2017.

⁴ Cf. BAUDELAIRE, 2019.

propensão ao amor pelo estranho e pelo grotesco, a aliança entre o cotidiano e o sobrenatural (PAZ, 1984, p. 63), traços persistentes da lírica moderna.

Obra que enfeixa os versos da mocidade de Alphonsus de Guimaraens, **Salmos da Noite** é um exemplar desta estética descrente. Os poemas publicizados postumamente na edição de 1960 da **Obra completa**, com organização e preparo do texto de Alphonsus de Guimaraens Filho, “são recortes de jornais, ali colados, sem indicações de nomes ou datas” (GUIMARAENS, 1960, p. 727) que foram ignorados por João Alphonsus, organizador da edição de 1938 da lírica alphonsina, tomada como coluna dorsal para as edições posteriores. A composição esbarra em elementos fundamentais da poética de Alphonsus de Guimaraens, como a evasão, o culto à morte e a obsessão pelo luar, mas apresenta um viés das negativas, no qual o poeta insiste em maldizer, descreer e blasfemar. Ciro dos Anjos, no artigo intitulado “Descobrimiento de Alphonsus”, observa que, em **Salmos da Noite**, “o poeta reage e às vezes blasfema”, sendo que, só mais tarde, na **Pastoral aos Crentes do Amor e da Morte** (1923) chega a “atingir aquela humildade cristã e aquela resignação desalentada”⁵. Embora a humildade chegue, de fato, na **Pastoral**, nela ainda persistem os versos dúbios e essa dubiedade também está presente em outros livros, como, por exemplo, em **Pulvis** (1902).

A fim de apresentar um estudo sobre a tensão entre a crença e a descrença em **Salmos da Noite**, este trabalho, mais do que evidenciar a presença dos extremos da crença e da descrença, pretende evidenciar a presença de uma tensão estruturante entre o crer e o descreer, fruto da impossível ataraxia em Alphonsus de Guimaraens. A escolha pela obra que enfeixa os versos da mocidade do poeta simbolista, em específico, decorre do fato de ser possível entrever nela, por intermédio da análise dos poemas, um sujeito lírico que insiste em duvidar, descreer e blasfemar. Nestas páginas, em um percurso de análise que objetiva estar próximo aos modelos de tópicos literárias desenvolvidas pelo romanista alemão Ernest Robert Curtius em **Literatura europeia e Idade Média latina** (1979)⁶ e conferindo certo protagonismo ao tensionamento entre os extremos da crença e da descrença, se pode demonstrar que essa tensão não se trata de mero artifício poético. Assim, se pretende surpreender a tensão entre a crença e a descrença como elemento fundamental da lírica de

⁵ Sobre a recepção crítica de Ciro dos Anjos, cf. RICIÉRI, 1996, p. 108.

⁶ Cf. CURTIUS, 1979, p. 83.

Alphonsus de Guimaraens que, como a noite em sucessão ao dia, parece se repetir de forma cíclica e eviterna.

O título do conjunto de poemas carrega em si múltiplos significados e, por sua vez, a polissemia tende a direcionar ao livro bíblico de **Salmos**. O maior dos livros bíblicos, cuja autoria, em grande parte, é atribuída ao rei Davi, apresenta temáticas específicas e recorrentes, sendo que um dos temas mais comuns na coleção é a morte e o renascimento, somados aos salmos de súplicas e de ação de graças (ALTER; KERMODE, 1997, p. 279). Ainda no título, porém em seu extremo noturno, a “Noite” – grafada com maiúscula – corresponde ao período em que a Terra, em seu movimento de rotação, não recebe incidência da luz solar em uma de suas faces, e, em seu sentido figurado remete ao sono, à morte, aos devaneios, às angústias, à ternura e mesmo ao engano. Na intersecção semântica entre “Salmos” e “Noite”, está o termo “da”, formado a partir da contração da preposição “de” e do artigo “a”⁷, que possui expressividade de determinação e especificação, denunciando, também, proximidade com o enunciador. Em um exercício de eclipsar os termos “Salmos”, “da” e “Noite”, esse conjunto parece antecipar que se trata de um livro alphonsino que vai de romaria e prece à noite e aos seus elementos constelares, sejam eles concretos, como a lua e as estrelas, ou abstratos, como o sono, a morte e a escuridão.

O poema de abertura da obra⁸, “Soneto”, alude a isso.

Para mim cada vez mais te escureces,
Sol que iluminas toda a imensidade:
É que por mais alvares que tivesses,
Não clareavas o caos desta saudade.

Do céu desçam teus raios, como preces
Sobre preces de luz, que não mais há de
Viver a alma que mora onde não descas:
No inferno da descrença e da maldade.

⁷ Domingos Cegalla (2005) observa que a preposição é “uma palavra invariável que liga um termo dependente a um termo principal, estabelecendo uma relação entre ambos” (p. 268), enquanto o artigo é “uma palavra que antepomos aos substantivos para dar aos seres um sentido determinado ou indeterminado. Indica, ao mesmo tempo, o gênero e o número dos substantivos” (p. 157).

⁸ O poema de abertura pode ser entendido, em linhas gerais, como “o primeiro conjunto de linhas a ultrapassar o limiar do paratexto, mas contém, ainda, certa função paratextual em um tomo” (BELÚZIO, 2019, p. 30). Sendo relevante, também, ponderar que essa peça é frequentemente um “lugar propício à caracterização dos processos de construtividade e autorreferencialização textual” (BELÚZIO, 2019, p. 34), como ocorre em **Salmos da Noite**, em que o poema de abertura, “Soneto”, antecipa tendências presentes em toda a obra, como a tensão. Para um debate mais aprofundado sobre esse conceito, cf. BELÚZIO, 2019, p. 21.

Da minha alma a procela atra e nefasta,
Azorragando o céu, trovões arrasta,
E pela noite em fora ampla ribomba.

És inútil, ó sol, a quem se eleva
Na asa do sonho, e após, de treva em treva,
De desengano em desengano tomba.⁹

Nele, o poeta lunar observa o sol e constrói uma metáfora sobre a perenidade do astro rei. Apesar de estar a pino todos os dias, o sol cada vez mais escurece, sendo sucedido pela noite. Em oposição, a noite exhibe a sua força com os trovões e a com a escuridão, seguindo como morada segura e inalcançável da descrença e da maldade, onde raios solares (ou preces de luz) descem, mas não chegam. No anoitecer do poema, o prelúdio explicativo escurece e o poeta passa a maldizer o sol – inútil a quem se entrega ao sonho e tomba no desengano cíclico. Não obstante, por meio da imagem conflictiva da elevação do sol, seguida de sua queda, o autor de “Ismália” explicita a tensão no presente “Soneto”. Com efeito, essa mesma imagem remete ao mito de Ícaro, que, segundo a mitologia grega, fora presenteado com asas feitas de penas, linho e cera por seu pai Dédalo. Usando essas asas artesanais, Ícaro conseguiria escapar do exílio na ilha de Creta. Dédalo advertiu, porém, que o filho deveria voar “a uma certa altura mediana”, para que a água do mar não torne as asas pesadas, tampouco o fosse queimado pelo sol. Durante o voo de fuga, tentado pelo entusiasmo, o jovem Ícaro se esquece da advertência do pai, elevando-se cada vez mais, tendo, assim, suas asas queimadas e, conseqüentemente, caindo às águas, que tomou o nome do morto, o mar Icário (OVÍDIO, 1983, p. 147).

Diante da fraqueza do sol enquanto refúgio, enunciada no poema de abertura, o sujeito lírico entrega-se à noite. À noite, porém, o pobre Alphonsus questiona o luar. Os quartetos de “Noite de luar”, por exemplo, dizem o seguinte:

Estrelas, mentes? Luar, mentes também? Seria
Uma blasfêmia cruel dizer agora ao certo
Se de vós veio a luz que ela tem, ou, se o aberto
Olhar que tendes, dela em gotas veio um dia...

Uma blasfêmia... Pois eu não posso dizer-vos
Se ela é do céu, ou se vós sois da terra, tanto
É o sensualismo que me vem do vosso pranto,
Tanta é a celeste luz que me vem dos seus nervos!¹⁰

⁹ GUIMARAENS, 1960, p. 539.

¹⁰ GUIMARAENS, 1960, p. 546.

Se antes a inquietação era sobre o apagamento do sol, agora passa a ser quanto à origem da luz da lua. Diante do entendimento que a lua não possui luz própria, o sujeito lírico levanta hipóteses sobre a origem do luar, mas considera uma blasfêmia dar um veredicto, ainda que ora entenda o luar como reflexo da luz vinda da mulher amada, ora no olhar da mulher amada contemple o luar. É possível notar, também, a retomada do dualismo conflituoso, caro ao Barroco, entre a carne e o espírito, entre a terra e o céu. Se no relato bíblico da criação do mundo, presente no livro do **Gênesis**¹¹, o fruto proibido é o símbolo da tentação e do pecado; aqui a lua torna-se símbolo da blasfêmia, ao ser confundida com a celeste luz que vem do corpo da mulher amada¹². Ao teorizar sobre a tradição da ruptura na modernidade, o intelectual mexicano Octavio Paz, em **Os filhos do barro** (1984), afirma que “o remédio contra a mudança e a extinção é o retorno: o passado é um tempo que reaparece e que nos espera no final de cada ciclo” (p. 28), ao passo que “a crença na proximidade do fim requeria uma doutrina que respondesse com mais calor aos temores e aos desejos dos homens” (p. 31). Nesse sentido, a constante busca de Alphonsus de Guimaraens por justificativas quanto à sucessão cíclica da noite ao dia e por um refúgio revela temores do poeta passadista e decadente quanto ao contexto finissecular.

As estrelas e o luar, questionados pelo simbolista brasileiro em “Noite de luar”, possuem protagonismo na tradição litúrgica católica. Logo em **Gênesis**, primeiro livro do Pentateuco, se narra a criação dos corpos celestes:

Deus fez os dois luzeiros maiores: o grande luzeiro para governar o dia e o pequeno luzeiro para governar a noite, e as estrelas.
Deus os colocou no firmamento do céu para iluminar a terra,
para governarem o dia e a noite, para separarem a luz e as trevas.¹³

As luzes emanadas das estrelas e do luar detêm, como função primária, a ruptura da escuridão. Ao notar que os luzeiros não estão tendo o desempenho esperado, Alphonsus de Guimaraens tece novos questionamentos. Na romaria poética, a preocupação é posta às claras, revelando, também, idealizações quanto a

¹¹ Gênesis, 3:1-24. **Bíblia de Jerusalém**. Sobre a relação entre Bíblia e Literatura, cf. **O Código dos códigos** (2004), de Northrop Frye.

¹² Sobre a representação da mulher na obra de Alphonsus de Guimaraens, cf. RICIERI, 2002.

¹³ Gênesis, 1:16-18. **Bíblia de Jerusalém**.

noite. No decorrer das estrofes de “Inverno, inverno...”, essa idealização e o desejo pela noite são retomados.

Cansa-me o azul do céu, e a verdura das selvas,
E as risadas iriais dos cravos e dos cactos;
Cansa-me o olhar do sol, coleando sobre as relvas,
Dando beijos de brasa aos cabelos dos matos.

Não quero suportar o sol do meio-dia,
A soltar em golfada uma eterna cratera
De luz que tomba em tudo e que em tudo irradia...
Mata-me este calor da quente primavera.¹⁴

O poema não apenas ressalta o cansaço do místico de Mariana quanto a luz do sol, que antes objeto era de desejo, como também uma tendência à nictofilia, derivada da sensação de conforto na escuridão. A inserção da noite como elemento central de **Salmos da Noite**, que guarda uma tensão de fé e se vale do imaginário noturno para a sua construção, pode ser comparada à fatura poética de São João da Cruz, em especial à presente em “Canções da Alma” (CRUZ, 1988, p. 36), nos quais a noite escura da fé é o caminho espiritual de encontro com Deus. Remontando a gênese do misticismo, para posteriormente propor caminhos para compreensão do simbolismo, o estudioso francês abasileirado Roger Bastide (1943, p. 111) postula que, na literatura de São João da Cruz, “o símbolo não é uma imagem tomada voluntariamente pelo escritor para descrever sua própria experiência, mas é uma criação estética que é experiência ao mesmo tempo que explicação dessa experiência”. Nesse sentido, ao se valer do imaginário noturno para tematizar a tensão entre a crença e a descrença, Alphonsus de Guimaraens parece, similarmente, se aproximar a esse conceito de símbolo de experiência. Assim, no misticismo alphonsino, bem como em outros eixos de sua poética, a noite não seria mero pano de fundo, mas um elemento constitutivo, em especial, quando se tematiza a descrença.

Entretanto, “na alma canta-me o vício e canta-me a blasfêmia” (GUIMARAENS, 1960, p. 546), nos confidencia o poeta, com um curioso desavergonhamento, revelando a presença de depravações e de despudores quanto a Deus. Tais traços apresentam latência em maior grau no poema “Das alucinações”, cujo título por si só releva e antecipa a impossibilidade de alcançar um estado de “tranquilidade ou

¹⁴ GUIMARAENS, 1960, p. 550.

serenidade de espírito” (CHAUÍ, 2010, p. 50), isto é, a impossível ataraxia em Alphonsus de Guimaraens:

Sempre a blasfêmia está unida à voz da prece,
Como um verme sombrio ao corpo de um defunto;
Assim, quando soluço e choro em dor, parece
Que é para amaldiçoar o mundo que eu ajunto
As mãos, num gesto que do céu à terra desce.

E de tal maneira o ódio e o espectro da maldade
Habitando a rugir o escuro peito do homem,
Quem não há de pensar e quem julgar não há de
Que ele impreca, e maldiz as mágoas que o consomem.

Cintila o negro céu... Como um sudário aberto
E enfunado de luz, o céu negro cintila.
Em cada estrela fulge um cálix entreaberto
Numa imobilidade eternal e tranquila,
E o homem fita a chorar o estrelado deserto.

E as almas todas vão, como serpes, de rastros,
Amaldiçoando o céu que se ilumina aos poucos...
Que é infame e revoltante o sorriso dos astros,
Clareando eternamente este hospício de loucos!¹⁵

Ao longo desses versos, há um esforço quase didático de apresentar a blasfêmia como um elemento entranhado ao homem, como um verme sombrio ao corpo de um defunto. Apontar a blasfêmia como um traço humano parece ressoar como um exercício de justificativa, buscando atenuar os constantes embates do sujeito lírico entre Deus e a Natureza. No entanto, o poeta afasta-se, e, em outro plano, aponta as almas como serpentes, que, no cristianismo, simbolizam a traição e o engano, indutora da ruptura de Adão e Eva com Deus.

Não satisfeito, no soneto “No horto”, o poeta de dúvidas recorre, mais uma vez, à tradição católica¹⁶ e rememora a agonia de Jesus no horto. O sujeito lírico flagra o agono acontecendo, que coloca em dúvida o Deus-homem, e dá voz a Jesus Cristo, mensageiro e filho de Deus, mas em um momento de blasfêmia louca:

Jesus cismava mudamente. No horto
la um silêncio tumular e brando...
Surgia a lua, pelo céu pairando
Como o semblante lívido de um morto.

Do Cristo o olhar sereno acompanhando

¹⁵ GUIMARAENS, 1960, p. 552.

¹⁶ Mateus, 26:36-39. **Bíblia de Jerusalém.**

O olhar dos astros procurava um porto
Onde a su'alma em dor e desconforto
Mais suavemente a cruz fosse arrastando.

Unindo então a soluçar a boca
O cálix que lhe enviara o Deus infindo,
Teve um momento de blasfêmia louca:

“Seja eu maldito, Madalena pura!
Eu que inda o mel do beijo teu sentindo,
Não quebro ao pé o calix d'amargura!”¹⁷

Segundo o evangelista Lucas, “Maria, chamada Madalena, da qual haviam saído sete demônios”, após ter sido curada da possessão demoníaca, passou a acompanhar a Jesus, assim como os apóstolos¹⁸. Comparar o Cordeiro de Deus, sacrificado em resgate ao pecado original, a uma pecadora coloca, em outro extremo, o sujeito lírico em um momento de heresia. Em seu mote, presente nas quadras iniciais do poema, se remonta os dias em que Jesus passou em recolhimento no deserto¹⁹. No entanto, o sujeito lírico, sem se questionar como beber dessa bebida amarga, contraria à escritura que diz “Não tentarás ao Senhor teu Deus” e concebe, por meio do ósculo de Cristo, certo erotismo religioso na relação entre Madalena e Jesus, em que o filho de Deus mostra-se pouco inibido em ter beijado a pecadora. Pares convergentes no erotismo religioso, as figuras opostas do religioso solitário e a do libertino estão “unidos no mesmo movimento: ambos negam a reprodução e são tentativas de salvação ou libertação pessoal diante um mundo caído, perverso, incoerente ou irreal” (PAZ, 1994, p. 21). O flagrante do sujeito lírico que não se opõe a tentar ao Senhor revela uma face do herege do poeta mineiro, capaz de profanar até mesmo a principal figura do cristianismo.

Ainda assim, quando se trata da reflexão sobre os extremos da crença e da descrença na obra poética de Alphonsus de Guimaraens, o que salta aos olhos é a constante tentativa de apresentar justificativas para esse aparente desvio de conduta, como ocorre em “Das alucinações” e também nestas outras estrofes:

¹⁷ RICIERI, 1996, p. 217. Embora as anotações do poeta contraditório indicassem que “No horto” deveria ser incluído em **Salmos da Noite**, os editores optaram pelo exílio do poema. Mesmo assim, Francine Ricieri (1996), responsável pelo resgate de poemas conhecidos pelos filhos de Alphonsus de Guimaraens, mas não publicizados, destaca que essas produções “ao lado de obras como **Kiriale**, **Salmos da Noite**, **Escada de Jacó** e **Pulvis** revelam com clareza aspectos não muito católicos, nada pios, existencialmente pessimistas do escritor” (p. 208).

¹⁸ Lucas, 8:1-2. **Bíblia de Jerusalém**.

¹⁹ Mateus, 4:1-11. **Bíblia de Jerusalém**.

Ah! se te fujo
Culpa o acaso cruel que a tal me obriga;
Culpa a descrença aterradora, cujo
Atro pesar a si os meus desejos liga.

E eu que não creio
Em nada (pois descri do amor altivo
Que o peito um dia iluminar-me veio),
Para miséria minha eternamente vivo!

Vivo algemado,
Como se fora um réu todo coberto
De remorso e de infâmia, a esse passado,
Que ainda vejo de ti, como de mim, tão perto!²⁰

O esforço constante de se justificar revela a consciência do sujeito lírico quanto à descrença. Em outras palavras, o flagrante da descrença não ocorre apenas nas entrelinhas, mas, de modo costumeiro, no reconhecimento do mísero poeta quanto ao seu estado de descrença absoluta. Nesse poema, a perda da crença é posta como fruto do escurecimento do amor altivo, que, diferente de outrora, já não ilumina o peito do poeta. A metáfora sugere a ruptura do entre o sujeito lírico e a cordialidade, ao mesmo tempo em que revela a retomada de valores românticos, como a subjetividade, a evasão, o culto a morte e o tédio, forjados por “um desejo de viver que não logrou sair do labirinto onde se aliena o jovem crescido em um meio romântico-burguês em fase de estagnação” (BOSI, 1975, p. 120), caros à poética alphonsina.

A leitura de **Salmos da Noite** permite visualizar um tensionamento da fé, dotado de elementos e construções que contradizem a imagem de Alphonsus de Guimaraens enquanto um católico pio, em um flerte constante com a dúvida e com blasfêmia. A gênese do tensionamento que atravessa as estrofes e os versos parece ser sintomática da impossível ataraxia em Guimaraens, em que, embora o sujeito lírico tensione crer, acaba questionando sistematicamente tudo que o cerca, até mesmo Jesus Cristo. Com isso, a descrença aflorada no homem finissecular presentifica-se na fatura poética alphonsina próximo ao que o crítico e teórico alemão Hugo Friedrich concebia, no clássico **Estrutura da lírica moderna** (1978), como “dramaticidade agressiva do poetar moderno”, no qual o sujeito lírico tende à afeiçoar-se aos temas que são mais contrapostos do que justapostos (p. 17), retratando a condição do poeta decadente e simbolista.

²⁰ GUIMARAENS, 1960, p. 551.

A voz poética presente em **Salmos da Noite** tende ao que pode ressoar, à primeira vista, como um ceticismo pirrônico, ou seja, na “suspensão do juízo acerca de qualquer questão em relação à qual houvesse evidências em conflito, incluindo a questão sobre se podemos ou não conhecer algo” (POPKIN, 2000, p. 15). Entretanto, ao retornar aos versos, percebe-se um movimento de dúvida, seguido de um tensionamento. Para Alphonsus de Guimaraens, não basta questionar a imponência do astro rei, símbolo de vida, é preciso questionar também o seu antônimo, a lua, cujo encanto é fruto de um brilho projetado, quase uma farsa. Não somente, ao se localizar os pilares estruturantes da crença e da descrença, se nota o pilar da dúvida, no qual o simples e temporário juiz municipal, cercado pelo fantasma de nunca ter proferido uma sentença, ora justifica-se copiosamente e abandona o questionamento inicial, ora dá início a um interrogatório, seguido de uma dura arguição. Dizendo melhor, a fatura poética de Alphonsus de Guimaraens, em **Salmos de Noite**, está estruturada sobre as bases do cíclico tensionamento.

Se, como afirma a pesquisadora Francine Fernandes Weiss Ricieri, em sua dissertação de mestrado **Alphonsus de Guimaraens (1870-1921): bibliografia comentada** (1996),

[...] lendo **Salmos da Noite**, torna-se quase obrigatório repensar a leitura tradicional de obras como **Kiriale** e **Escada de Jacó**. Obviamente, repensando-se tais livros em particular, automaticamente há que se repensar a visão geral que se tem do todo dos escritos de Alphonsus (p. 40).

Passa a ser relevante, portanto, a realização de uma leitura que considere a presença dos extremos da crença e da descrença, tensionando-os com as vozes da blasfêmia e da prece, reconsiderando a imagem quase sacralizada do simbolista taciturno e trágico descrente. Desse modo, conferindo protagonismo ao tensionamento entre os extremos da crença e da descrença, será possível ampliar o entendimento da obra do poeta que alça a descrença, constantemente como elemento fundamental de sua notívaga poética, irradiando a crença.

Referências

ALTER, Robert; KERMODE, Frank (org.). *Guia literário da Bíblia*. Tradução de Raul Fiker e Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo, SP: Unesp, 1997.

BALAKIAN, Anna. *O simbolismo*. Tradução de José Bonifácio Caldas. São Paulo, SP: Perspectiva, 1985.

BASTIDE, Roger. *A poesia afro-brasileira*. São Paulo, SP: Martins, 1943.

BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Tradução e organização de Júlio Castañon Guimarães. Apêndices de J. Barbey d'Aurevilly, Guillaume Apollinaire e Paul Valéry. 1. ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2019.

BELÚZIO, Rafael Fava. *Quatro clics em Paulo Leminski*. 2019. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/LETR-B8HG6>. Acesso em: 17 jan. 2020.

BÍBLIA de Jerusalém. 1. ed., 13ª reimpressão. São Paulo, SP: Paulus, 2019.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 2. ed. São Paulo, SP: Cultrix, 1975.

CANDIDO, Antonio. *Na sala de aula: caderno de análise literária*. 8. ed. São Paulo, SP: Ática, 2000.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 46. ed. São Paulo, SP: Companhia Editora Nacional, 2005.

CHAUÍ, Marilena. *Introdução à história da filosofia: as escolas helenísticas*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010. v. 2.

CRUZ, São João da. *Obras Completas*. 2. ed. Organização geral de Frei Patrício Sciadini. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

CRUZ E SOUSA, João da. *Obra completa: poesia*. Organização e estudo por Lauro Junkes. Jaraguá do Sul, SC: Avenida, 2008. v. 1.

CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura europeia e Idade Média latina*. 2. ed. Brasília, DF: Instituto Nacional do Livro, 1979.

FARIAS, Andressa Batista. A influência de As flores do Mal no Simbolismo. *Revista Fronteira Digital*. [S.l.], v. 6, n. 6. p. 85-93. 2017. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/fronteiradigital/article/view/2876>. Acesso em: 05 mai. 2021.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna: da metade do século XIX a meados do século XX*. Tradução de Marise Curioni e Dora da Silva. São Paulo, SP: Duas Cidades, 1978.

FRYE, Northrop. *O Código dos códigos: a Bíblia e a literatura*. Tradução de Flávio Aguiar. São Paulo, SP: Boitempo, 2004.

GOMES, Álvaro Cardoso. *O simbolismo*. São Paulo, SP: Ática, 1994.

GUIMARAENS, Alphonsus de. *Obra completa*. Organização e preparo do texto por Alphonsus de Guimaraens Filho. Rio de Janeiro, RJ: José Aguilar, 1960.

OVÍDIO. *As metamorfoses*. Tradução de David Gomes Jardim Junior. Rio de Janeiro, RJ: Ediouro, 1983.

PAZ, Octavio. *A dupla chama: amor e erotismo*. Tradução de Wladyr Dupont. São Paulo, SP: Siciliano, 1994.

_____. *Os filhos do barro: do romantismo à vanguarda*. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1984.

PEIXOTO, Sérgio Alves. *A consciência criadora na poesia brasileira: do barroco ao simbolismo*. São Paulo, SP: Annablume, 1999.

POPKIN, Richard Henry. *História do Ceticismo de Erasmo a Spinoza*. Tradução de Danilo Marcondes. Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves, 2000.

RICIERI, Francine Fernandes Weiss. *Alphonsus de Guimaraens (1870-1921): bibliografia comentada*. 1996. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. Assis, SP: Unesp, 1996. 2 v.

_____. Erotismo e transgressão na escrita de Alphonsus de Guimaraens. *Revista do Centro de Estudos Portugueses*. [S.l.], v. 22, n. 31, p. 307-324. 2002. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cesp/article/view/6741>. Acesso em: 12 jan. 2021.